

EXPERIÊNCIAS DE RECUPERAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA

Lydia Garcia Bezerra de Mello
Do Centro de Estudos
Afro-Brasileiros de Brasília
e da Secretaria de Educação
do Distrito Federal

M

esmo que voltem as costas às minhas palavras de fogo, não pararei de gritar. Senhores, eu fui enviado ao mundo para protestar. Mentiras, ouropéis, nada me fará calar. Senhores, atrás do muro da noite, sem que ninguém o perceba, muitos dos meus ancestrais, já mortos há muito tempo, reúnem-se em minha casa e nos pomos a conversar. Sobre coisas amargas, sobre grilhões e correntes, que no passado eram visíveis. Sobre grilhões e correntes, que no presente são invisíveis. Invisíveis, mas existentes, nos braços, nos pensamentos, nos passos, no sonho, na vida de cada um dos que vivem junto comigo, enfeitados da pátria. Senhores, o sangue de meus avós, que corre nas minhas veias, são gritos de rebeldia.

Carlos Assunção, poeta, escreveu esse frag-

mento em 1958, chamado *Protesto*. Para nós, negros militantes, é mais um dia de luta: o ontem, o hoje e o amanhã. Para mim, essa é uma mensagem bastante forte e a nossa luta não vai parar. Sinto-me emocionada em participar dessa mesa e em falar sobre o trabalho que venho desenvolvendo no Centro de Estudos Afro-Brasileiros e na Secretaria de Educação do Distrito Federal.

Como participante do Movimento Negro de Brasília, e agora, ocupando esse cargo na Secretaria da Educação, tenho realizado alguns trabalhos voltados, principalmente, para a recuperação da identidade do negro. Porém, as dificuldades são inúmeras.

Ainda não pudemos desenvolver um projeto abrangente pois as portas ainda não se abriram totalmente para nós. Deste modo, nossa atuação tem sido bastante esporádica, mais no sentido de aproveitar as oportunidades que se nos apresentam.

Participamos, por exemplo, da ópera negra *Porg and Bess* apesar dos obstáculos que enfrentamos — entraram em contato conosco apenas dois dias antes do encerramento das inscrições, não tínhamos espaço para ensaiar. Entretanto, na véspera da estréia, como o balé oficial ainda não estava pronto, nos permitiram fazer o solo. Tomamos a dianteira porque a criatividade e o ritmo estão no nosso sangue.

Nossos alunos de educação musical também participaram — nessa ópera há uma parte representada por crianças — superando inclusive, crianças que estavam ensaiando há um mês sem, contudo, conseguir passar no teste.

No encontro "Ensino das Artes", ocorrido na Universidade de Brasília, o Movimento Negro esteve presente. Na ocasião, a professora Maria de Lourdes Teodoro — uma estudiosa do negro — fez uma explanação muito importante sobre identidade cultural, constituindo-se num dos momentos mais significativos do evento.

Tomamos parte, também, num concurso para a escolha do hino das colônias de férias da cidade de Brasília. A nossa música, em ritmo afro, foi a vencedora e 18 mil crianças a cantaram durante as suas férias. Nessa ocasião, foi possível falar a estas crianças sobre a nossa identidade, sobre a questão da negritude e sobre heróis como Zumbi.

Essas experiências alternativas são muito fortes e acho importante estar atento para aproveitá-las.

Agora, falarei sobre o Centro de Estudos Afro-Brasileiros — CEAB. O CEAB existe desde 1980. É uma sociedade sem fins lucrativos cujo principal objetivo é valorizar e estar atento às questões negras e afro-brasileiras. Durante esse tempo, o CEAB tem desenvolvido vários trabalhos: seminários, exposições, lançamentos de livros, colaboração com alguns grupos. A população da periferia de Brasília nos tem feito várias cobranças, mas Brasília é uma cidade grande, com problemas, e não podemos nos com-

prometer com esses grupos, porque ainda não estamos preparados para enfrentar esses questionamentos. Procuramos sempre estar atentos ao que está acontecendo, estudar, denunciar e fazer com que essa mensagem chegue até a periferia, através das Associações de Moradores. Mas não temos, ainda, um trabalho regular, por falta de pessoal.

Em 1980, fizemos alguns seminários com professores; em 1982, exposições de artistas negros de Brasília, iniciativas que têm recebido a colaboração das embaixadas.

Em 1985, levamos ao Secretário de Educação do Distrito Federal o Projeto de um curso de Introdução a História e a Cultura dos negros no Brasil, para o qual colaboraram a professora Clara Alvim e o professor Olímpio Serra.

Embora o objetivo fosse o de reciclar os professores para que eles tivessem uma visão verdadeira da nossa problemática, o curso foi aberto à comunidade e não houve exigência de pré-requisitos. Nesse sentido, ele foi pioneiro, porque o que foi realizado anteriormente, se destinou exclusivamente aos professores.

As aulas¹ foram ministradas por pesquisadores e estudiosos de várias regiões — Décio Freitas, Joel

Rufino, Kabengele Munanga. Tivemos, também, o professor Francisco Lucrécio, militante da Frente Negra Brasileira e realizador de um trabalho em torno da negritude, que nos deixou uma mensagem muito forte; a Lourdes Theodoro, que foi a nossa musa, única mulher no curso, mulher negra, fortíssima, e, muitos outros.

Ficamos muito felizes porque, para nós, da direção do CEAB, foi um passo muito grande conseguir esse contato com a Universidade de Brasília e com o Decanato de Extensão.

Pelas avaliações dos participantes o curso foi muito bem recebido. Alguns o acharam um pouco pesado, devido a extensão do conteúdo e das aulas, mas insistiram para que a experiência se repita

Para o ano que vem, vamos reprogramar o curso, talvez introduzindo Literatura Brasileira.

Para Brasília foi um momento muito importante. Uma cidade nova, mas que já participa das nossas questões.

1 O curso compreendeu cinco módulos — "África"; "O negro na sociedade brasileira"; "Escravidão"; "Rebeldia e resistência negra" e "Cultura negra brasileira" — desenvolvidos em três aulas semanais, com duas horas de duração, num total de 48 horas.